

Entidades promovem ato pró-Constituinte em Caxias

Da Sucursal do Rio

A cidade de Duque de Caxias (RJ), na abandonada Baixada Fluminense e há dezoto anos sob intervenção federal, receberá a partir de 16 horas de hoje representantes de dezenas de entidades, que participarão do ato público de retomada das mobilizações da sociedade civil para reivindicar a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, organizado em âmbito nacional desde a campanha pelas diretas. O bispo da cidade, d. Mauro Morelli, um dos principais organizadores do ato, estima que pelo menos vinte mil pessoas participarão

desta primeira manifestação de uma campanha que, na sua opinião, crescerá tanto como a das diretas.

Entre os políticos, já confirmaram suas presenças o governador Leonel Brizola, do PDT, Luís Inácio Lula da Silva, presidente do PT, os deputados federais Lúcio Alcântara, do Partido da Frente Liberal (CE), Miguel Arraes (PE) e Francisco Pinto (BA), ambos do PMDB. Estarão presentes, ainda, quatorze prefeitos de cidades de oito Estados, representantes de entidades municipais vinculadas à Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro (Famerj), o presidente da Associação Brasileira de Imprensa — ABI, Barbosa Lima Sobrinho, e da Ordem dos Advogados do Brasil — OAB, Mário Garcia Duarte; os presidentes das OAB-RJ, Hélio Sabóia, e de São Paulo, Márcio Thomaz Bastos, além de representantes da Central Única dos Trabalhadores — CUT, Coordenação Naci-

onal das Classes Trabalhadoras — Conclat, Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior — Andes e União Nacional dos Estudantes — UNE.

O coordenador do ato será o poeta e jornalista Ferreira Gullar, que fará também as apresentações, entremendo os discursos, de Chico Buarque, Sérgio Ricardo, Olívia Bygton, Monarco e Noca da Portela.

Na praça do Pacificador, no centro de Caxias, já está tudo pronto para o ato público. O palanque em frente ao Cine Santa Rosa foi montado pela prefeitura (administrada pelo PDT), a aparelhagem de som foi emprestada pela prefeitura peemedebista de Petrópolis e o governador do Estado colocou à disposição ônibus que sairão de vários pontos do Rio, a partir das 14 horas, com destino a Caxias. O principal trabalho de mobilização foi feito pelas associa-

ções de moradores, comunidades de base e grupos cristãos da diocese de Caxias. O único receio dos organizadores, agora, é a continuidade da chuva forte que cai sobre a região.

Está decidido que o ato público será aberto pelo presidente da Famerja, Jó Resende. Em seguida, todos cantarão o Hino Nacional. Estão escalados para discursar os presidentes da OAB e da ABI, as lideranças partidárias, os prefeitos de Caxias (Hydeckel de Freitas, PDT), de Petrópolis (Paulo Rattes, PMDB) e de Curitiba (Maurício Fruet, PMDB) e representantes dos que d. Mauro Morelli chama de "grandes sofrendores deste país que sempre estiveram marginalizados da vida política" — as mulheres, os negros, os posseiros, as crianças, os índios, os idosos, os deficientes físicos e os desempregados. O ato será encerrado pelo governador Leonel Brizola e por d. Mauro Morelli.

Campanha busca nova Carta com amplo respaldo popular

MARCELO BERABA

Repórter da Sucursal do Rio

O Movimento Nacional pró-Constituinte, que está sendo lançado hoje em Caxias, surgiu de uma proposta apresentada em outubro por d. Mauro Morelli, 49 — bispo de Duque de Caxias (RJ) e ex-bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Paulo —, no 3º Encontro Nacional de Municípios, realizado em Curitiba. A idéia foi assumida imediatamente por um grupo de prefeitos de diversos Estados e parlamentares que participavam do Encontro organizado pelo Centro Brasil Democrático (Cebrede), uma entidade dirigida pelo arquiteto Oscar Niemeyer e que tem em seu conselho diretor um grande número de intelectuais.

D. Mauro explica que o objetivo do movimento é criar condições para que o maior número possível de pessoas e entidades participem da discussão sobre a Constituinte e possam apresentar propostas para uma nova Constituição. "A Constituinte — segundo o bispo de Caxias —, não pode ser tratada apenas por juristas e parlamentares, mas deve ter a participação de todo o povo brasileiro. É o povo que deve dizer como deve ser organizado o nosso país".

No dia 12 de dezembro, o movimento divulgou, na sede da ABI, no Rio, um manifesto à Nação já com as assinaturas e o apoio de diversas entidades e personalidades, inclusive doze bispos e doze prefeitos. "Não

podemos chegar ao primeiro centenário da República — afirma o documento — com algemas nos punhos e a maioria da Nação esfarrapada e faminta." Em outro trecho é dito que "não podemos aceitar que nasça um Brasil novo sob a tutela ou como concessão generosa, oportunista ou indevida de alguns".

Desde o início, uma das principais preocupações de d. Mauro e dos fundadores do movimento é a de não permitir que esta campanha seja utilizada ou manipulada por partidos políticos, por recear que o movimento, de certa forma, acabe como a campanha das diretas.

Embora com um amplo apoio nacional, o movimento está sendo levado, até agora, pela chamada ala progressista da Igreja (da qual d. Mauro Morelli é um dos expoentes), pela Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio (Famerj), que congrega mais de seiscentas entidades comunitárias, e pelo Cebrede, que vem fazendo um grande trabalho municipalista com a participação de quase uma centena de prefeitos de praticamente todos os Estados brasileiros. O próximo passo para a sua ampliação será o lançamento simultâneo do movimento, em 16 de março — dia seguinte ao da posse de Tancredo Neves —, em vários municípios. Nesse dia, cada prefeito organizará na sua cidade manifestações e atividades de apoio à convocação de uma Constituinte com participação popular.

Uma cidade que reflete os problemas sociais do País

Da Sucursal do Rio

Quase metade de seus 43 anos de município emancipado, Duque de Caxias (RJ), na Baixada Fluminense, viveu sob intervenção federal por ser considerada área de segurança nacional. Como tantas regiões periféricas aos grandes centros urbanos, a cidade sofreu, nestes últimos dezoto anos, um processo de ininterrupto empobrecimento de sua população e de crescente esvaziamento de sua economia. Exatamente por verem em seus 900 mil habitantes os rostos de milhões de brasileiros "tutelados e marginalizados", os organizadores do Movimento Nacional pró-Constituinte escolheram a cidade para lançar uma campanha que, a partir de cada município, eles pretendem que cresça nacionalmente.

Ao longo de sua curta história, Caxias sempre foi marcada pelo estigma da violência. Na década de 50, seu primeiro político de projeção foi Tenório Cavalcanti, que montou, com a ajuda de capangas e de sua insperável "Lurdinha" (uma metralhadora), uma espécie de coronelismo urbano. A cidade crescia rapidamente com a migração nordestina. Na década de 70, Caxias foi seguidamente manchete das páginas policiais nos jornais cariocas por causa dos grupos de extermínio (os esquadrões da morte e a "policia mineira") que desafiavam a população, quase sempre com cobertura de policiais.

Caxias passou a ser sinônimo de violência para a imprensa e para a população do Rio.

Para d. Mauro Morelli e para Alcino Elias, presidente do Movimento União dos Bairros, e federação das associações de moradores do município, a verdadeira violência que existe em Caxias é o que chama de "violência institucional". Eles explicam que perto de cinco mil crianças vivem e dormem nas ruas da cidade; que os sistemas educacional e de assistência médica estão nas mãos de escolas e clínicas particulares; que nem mesmo o centro da cidade tem rede de esgoto; e que mais de vinte por cento da população vivem nas 75 favelas que surgiram nos últimos dez anos. Mais de três mil posseiros lutam, na zona rural, para garantir o direito à terra onde trabalham há mais de quarenta anos e a desativação da fábrica da Fiat (ex-FNM), em Xerém, acentuou o problema do desemprego.

Mesmo com uma votação expressiva no município, que garantiu para o PDT a maioria da Câmara Municipal, hoje é a primeira vez que o governador Leonel Brizola retorna à cidade, desde que tomou posse há quase três anos. Por isso, Alcino Elias, 26 anos, não tem muitas ilusões. Junto com a diocese, as associações de moradores iniciaram um trabalho de conscientização da população.